

## **Itinerário discente: vestígios “dos jovens anos escolares” de Manoel Cabral Machado (1927-1937)**

João Paulo Gama Oliveira

**Resumo:** Manoel Cabral Machado (1916-2009) foi um dos pioneiros professores do ensino superior e de um variado número de escolas do ensino secundário em Sergipe. Diante dos vastos caminhos percorridos por Cabral Machado neste estudo, analiso seu itinerário discente no recorte temporal de 1927 a 1937. A primeira data refere-se ao início dos estudos na cidade de Capela/SE, a segunda, concerne ao ano que concluiu o ensino secundário no Ginásio da Bahia em Salvador. Os registros das suas vivências nesses espaços foram vasculhados em diferentes arquivos privados e públicos, além das memórias registradas por ele nos seus últimos anos de vida, e entrevistas com o próprio Cabral Machado. O estudo concluiu que “professores-paradigma” são creditados como influenciadores dos caminhos percorridos pelo jovem estudante.

**Palavras-chave:** Discente. História da educação. Intelectual. Itinerários. Manoel Cabral Machado.

## **Student itinerary: remains “of young scholar years” of Manoel Cabral Machado (1927-1937)**

**Abstract:** Manoel Cabral Machado (1916-2009) was one of the first teachers of Higher Education and of many high school institutions in Sergipe. Towards the wide ways went through Cabral Machado, in the study it is analyzed his student itinerary at the time frame from 1926 to 1937. The first date refers to the beginning of his studies in the city of Capela/SE. The second one concerns to the year that he concluded the high school at Bahia gymnasium in Salvador. His life experience records were researched in different private and public files, besides of memories registered by himself during his last years and interview with the proper Cabral Machado. The study concluded that “paradigm-teachers” are credited as influences of paths went through the young student.

**Keywords:** Student. Education history. Intellectual. Itineraries. Manoel Cabral Machado.

## Introdução

Manoel Cabral Machado (1916-2009) filho de família abastada do interior de Sergipe, estudou em distintas escolas até a graduação em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Bahia na década de 1940. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Sergipana de Letras, principais instituições que congregavam a intelectualidade local em meados do século XX, além de publicar dezenas de livros e participar ativamente da imprensa local escrevendo sobre diferentes temáticas, sobretudo, relacionadas à política, religião e educação.

Como professor, fez parte dos pioneiros fundadores do ensino superior na função de catedrático em Sociologia na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, como também nas Faculdades de Direito, Economia e Serviço Social ao longo da década de 1950, e, ainda, colaborou na criação da Universidade Federal de Sergipe em 1968 (OLIVEIRA, 2015). Na esfera política assumiu diferentes cargos, entre eles, deputado estadual e vice-governador.

Diante desse sintético resumo da vastidão que envolve a vida do sujeito em tela, o presente estudo analisa os “itinerários” de Manoel Cabral Machado na sua vida escolar no recorte temporal de 1927 a 1937. A primeira data refere-se ao início dos seus estudos na cidade de Capela/SE, a segunda, concerne ao ano que concluiu o ensino secundário no Ginásio da Bahia em Salvador.

Em diálogo com Sirinelli (1998, 2003, 2006) propõe-se o estudo dos “itinerários” de Cabral Machado através da análise das origens do seu despertar intelectual e político nas instituições educacionais que frequentou e os professores que foram registrados nas suas memórias. Nesse sentido, busco construir aquilo que acertadamente Sirinelli escreveu:

[...] em todo caso, é possível e necessário fazer sua arqueologia [das estruturas de sociabilidade], inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de ‘redes’ de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político (SIRINELLI, 2003, p. 249-250, grifos meus).

A proposta não consiste em fazer uma genealogia como adverte o aludido autor, mas uma arqueologia, na qual investigo como a vivência estudantil e os seus professores, colegas e escolas, contribuíram para conformar sua condição de intelectual. O teórico francês ensina ainda que o intelectual precisa ser estudado a partir da sua atuação tanto no âmbito político como cultural ou da produção do conhecimento, sendo que o meio intelectual constitui “um pequeno mundo estreito”, no qual, “os laços se atam” em torno da redação de uma revista ou de um conselho editorial (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Entendo que as instituições educacionais também se configuram como um lugar no qual “os laços se atam” a depender da “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas”. Diante desse prisma, a análise dos itinerários de dado sujeito histórico permite visualizar como tais laços se conformaram ao longo do tempo e os espaços frequentados por esses jovens estudantes de escolas que abrigavam um seletivo grupo de pessoas que detinham certo poderio econômico e social em Sergipe.

Desse modo, faz-se necessário problematizar os itinerários da vida desse sujeito, não como agente inerte situado em um tempo e um espaço e movido pelas circunstâncias de sua época, mas um ser com vontades, medos e expectativas que, diante de escolhas efetuadas ao longo de diferentes momentos de sua vida, construiu paulatinamente uma história, dentro de uma série de outras opções, ou não, que se apresentavam naquele momento.

### **Das aulas em capela ao ginásio da Bahia: aspectos da vida estudantil de Manoel Cabral Machado**

[...] na Capela eu comecei a estudar com minha mãe, minha mãe era também professora, como se dizia naquela época pra desasnar (risos) então eu me lembro bem desse tempo, comecei a estudar por um livro chamado “Cartilha Analítica” que é um livro horroroso, um livro de letras vermelhas e negras pra aprender silabação, então não despertava nenhum interesse, eu tinha horror a esse livro, tinha uma preguiça danada para estudar. Ao final, neste ano de vinte e cinco ou vinte e seis meu pai veio a Aracaju, e de Aracaju ele trouxe um livro novo para mim, “Cartilha Nacional”, quando eu abri o livro, o livro era colorido, com imagens de Paulo corre atrás da bola, Luci corre atrás de Paulo e Peri corre atrás de Luci e Paulo, enfim as historietas, eu aprendi gostando dos livros, eu aprendi e passei a tomar gosto pelos livros (MACHADO, 2007).

Em 1929, Cabral Machado começou a estudar com seu tio e padrinho o Cônego José da Mota Cabral, conhecido como Padre Juca, responsável pelo Colégio São José, na cidade de Capela, no interior do Estado de Sergipe. Segundo o próprio Cabral, o Padre Juca foi pessoa que

o conduziu para o convívio com a literatura e que exerceu influência fundamental na sua vida. Sobre esse período, escreveu: “Às vezes, findas as aulas, costumava ler trechos dos seus autores preferidos: Machado de Assis, Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Humberto de Campos e o ‘sergipano’ Ranulfo Prata de ‘A Longa Estrada’” (MACHADO, 2005, p. 146). Tem-se indícios das primeiras práticas de leitura de Cabral Machado, que além do estímulo do tio, contava com o apoio da mãe, professora e do pai, médico, para ler romances e praticar a escrita.

Ainda segundo sua descrição, no Colégio São José estudava Português, Aritmética, História do Brasil, Ciências e rudimentos de Francês. Além do conhecimento dentro do espaço escolar, também executava peripécias próprias da idade, como por exemplo: “apiruar as meninas do Colégio Nossa Senhora Imaculada Conceição”. Sobre esse período Cabral Machado rememora: “As freiras foram apresentar reclamações ao Pe. Juca e este bonachão, lhes teria respondido: ‘Segure suas cabritas pois não vou prender os meus cabritos’” (MACHADO, 2005, p. 40).

Antes disso, foi aluno da professora Adelina Vieira, apelidada por Cabral Machado de Fofô, no Colégio Santa Inês, também na cidade sergipana de Capela, no período de 1927 a 1928. Mas, em julho de 1930, deixou a cidade do interior e ingressou no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora na capital do estado, então dirigido pelo Padre Selva. Foi no teatrinho do Colégio Salesiano que aprendeu a perder a timidez ao enfrentar o público, pois até então era um menino introvertido. Sobre a mudança para Aracaju e o início da vida no internato, Cabral rememora em entrevista:

Veja que eu sair da Capela chorando como o diacho, chorando, chorando porque saía de casa, pra ficar interno em um colégio (silêncio). Eu cheguei chorando no Colégio Salesiano. Afinal de contas eu já tinha uns primos que estudavam lá, eram de Brejo Grande, e aí depois a gente foi falando eu fui esquecendo da casa e fui me integrando no Colégio. Estudei no Colégio Salesiano de mil novecentos e trinta até mil novecentos e trinta e quatro. No Colégio Salesiano, eu estava com um certo preparo, fui logo tomando posição e em pouco tempo já estava em primeiro lugar da classe, aí depois participei dos teatrinhos de colégio e depois comecei a fazer os discursos. A princípio era eu que lia os discursos, que faziam pra eu ler, depois eu passei a escrever os discursos e eram corrigidos para eu ler, até que eu fiz meus discursos (MACHADO, 2007).

A ida de Cabral Machado para o Colégio Salesiano em Aracaju coaduna com as afirmações de Conceição acerca dos estudos em internatos na capital sergipana: “Por outro lado, as famílias, que por qualquer razão continuavam residindo no interior, encontravam nos

internatos uma estratégia educativa ideal para manter os seus filhos estudando na capital”. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 246).

Foi em Aracaju que Cabral Machado começou a desenvolver mais efetivamente as habilidades com a escrita e, em suas memórias, descreve uma aula de Português no Colégio Salesiano com a exposição de estampas sobre o cavalete do quadro negro, por parte do professor e, logo em seguida, os alunos deveriam descrever o que viam. No tempo de Ginásio e com o auxílio da leitura Cabral Machado começou a escrever poesias, atividade que continuou até os seus últimos dias de vida. Ali, também iniciou seus escritos no jornal estudantil, publicando o seu primeiro artigo “Uma tarde no Cajuípe” no jornal *A Tebaidazinha* dos próprios estudantes do Salesiano, em 1933 (MACHADO, 2005).

O desenvolvimento da escrita em jornais estudantis pode ser articulado aos objetivos da Reforma Francisco Campos no tocante ao curso fundamental e às finalidades de algumas disciplinas, uma vez que: “[...] verifica-se a precedência da Língua Portuguesa em relação as línguas estrangeiras e a diminuição da formação clássica – o Latim – estudado apenas nas 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> séries do curso” (SOUZA, 2008, p. 54). Segundo Chervel e Compère, o Latim seria um dos elementos da formação em humanidades clássicas que conferem uma formação elitista ao ensino secundário francês e também pode-se fazer uma correlação no caso brasileiro, sendo que:

[...] essa formação, a das humanidades clássicas, confere àqueles que dela participam uma marca indelével de pertencer à elite, sendo um signo de reconhecimento, senão pelo desempenho ou gosto pelas línguas antigas, pelo menos por uma certa familiaridade com frases ou citações latinas (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 152).

Ainda dentro da mesma problemática, Souza (2008) informa acerca do objetivo da disciplina de Português – que estaria relacionada a uma aquisição efetiva da língua, o gosto pela leitura para a formação do seu espírito e da sua educação literária. Para atender a esse fim, os Programas do Curso Fundamental e do Secundário expedidos pelo Ministério da Educação e Saúde Pública em 30 de junho de 1931 indicavam: “[...] trabalhos de composição escrita preparados fora da classe, seguidos de correção minuciosa dos professores (identificação de erros de ortografia, pontuação, concordância, regência, impropriedades, etc.)” (SOUZA, 2008, p. 155).

Dessa forma, o que Cabral Machado retrata sobre sua vivência no internato do Colégio Salesiano, inclusive, da sua prática de escrita em jornais, coaduna com os princípios da Reforma Francisco Campos. Naquele jornal estudantil, possivelmente, o professor de Português, e das

demais disciplinas relacionadas à “educação literária”, adotaram correções necessárias para o aprimoramento do “espírito” daqueles alunos, filhos do interior sergipano que moravam no internato particular católico.

Além da escrita nos jornais, também era praticada a produção de poesias, que pode estar relacionada às finalidades da Reforma, como também à cultura juvenil da década de 1930 em Sergipe. Cabral descreve um episódio que ilustra fragmentos do dia a dia naquele Colégio e faz referência ao momento em que começou a escrever suas poesias:

Pelos meus primeiros versos, a uma jovem, vizinha ao Colégio, e que, à noite, cantava com sua bela voz, enquanto no ‘estudo’ nós preparávamos as lições, sofri enorme castigo. A poesia falava de amor, beijos. Consideraram-na ‘imoral’. Por castigo copiei três vezes, toda a enorme “Introdução” a “Autores Contemporâneos”, de João Ribeiro (MACHADO, 2005, p. 147).

As memórias de Cabral apresentam indícios do controle exercido naquela instituição educacional, bem como a prática de fazer as lições à noite e os castigos ali aplicados. Além desses elementos, é possível observar os autores e obras trabalhados no ensino ginasial de um colégio católico, na cidade de Aracaju de 1930 – o sergipano João Ribeiro está na lista de obras lidas. Outro ponto digno concerne ao castigo como parte da prática pedagógica que visava ao aprendizado do conteúdo pelo aluno.

Além do cotidiano das aulas, existia para Cabral Machado uma rotina na escola, na condição de interno, fato que provocou alguns conflitos com a direção da instituição e culminou com a saída de Cabral do internato em meados de 1934, mas ele permaneceu como estudante externo, indo morar no centro da cidade na pensão de Dona Josefa, situada na rua de Laranjeiras, em frente à Relojoaria de Sinulfo Alves.

O dono da mencionada Relojoaria era o pai de várias crianças e adolescentes, inclusive, de Lauro Barreto Fontes, de quem se tornaria um grande amigo. Ao fazer referência à amizade que manteve por décadas com Lauro Barreto Fontes rememora:

Conheci-o, em Aracaju, em fins de 1934, quando éramos ginasianos. Estudante interno no Colégio Salesiano, após brigar com o seu diretor, revoltado contra um castigo injusto, consegui do meu pai, sob a ameaça de fugir do colégio, passar o resto do ano sob regime de externato. É quando vim residir, à rua de Laranjeiras, na pensão de Dona Josefa, uma velha e bondosa senhora de Frei Paulo, e que tratava seus hóspedes, todos estudantes, como filhos (MACHADO, 1998, p. 279-280).

A descrição de Cabral Machado chama atenção para os embates de um menino vindo do interior com as regras daquele colégio católico. Visualiza-se também o cotidiano de pensões e estudantes na cidade de Aracaju dos anos 1930 e das escolas por eles frequentadas. Pensões repletas de alunos que deixavam suas casas nas diferentes cidades sergipanas para frequentar as escolas aracajuanas. Certamente, uma mudança efetiva na vida desses discentes tanto no quesito da vida escolar, quanto da vida urbana.

Então, já no início de 1935, Cabral Machado solicitou a guia de transferência àquele colégio católico. Tais guias constam no Arquivo do Colégio Salesiano com as notas dos Exames de Admissão realizados por Manoel Cabral Machado, em 23 de fevereiro de 1931, e assinado pelo inspetor Manoel Franco Freire, como também pelo diretor, o Padre Epifânio Borges, substituto do Padre Selva, as seguintes disciplinas e notas: Português: 7; Aritmética: 8; História do Brasil: 9; Geografia: 8 e Ciências Físicas e Naturais: 9, obtendo a média final 8.

Assim, Cabral Machado teria se transferido para o Atheneu Sergipense por sugestão de Lauro Fontes e em razão dos conflitos no internato. Na nova instituição educacional, passou a fazer parte da classe de “intelectuais” daquela escola, segundo suas próprias palavras (Machado, 2005). Naquela “Casa de Educação Literária” possivelmente utilizou a farda descrita por seu contemporâneo Joel Silveira: “[...] vestia a farda do Ateneu (uniforme caqui com punhos azuis para os alunos; saia azul-marinho e blusa branca para as moças) e partia célere para não perder a primeira aula que começava bem cedo, às sete horas” (SILVEIRA, 1998, p. 40).

No Atheneu Sergipense, Cabral Machado leu, escreveu nos jornais estudantis e foi colega de alunos como Joel Silveira, Lauro Fontes, Fernando Maia, Luciano Mesquita, Márcio Rollemberg, José Augusto Garcez, Célio Costa, entre outros. Para Melo (1969, p. 51):

Aquêl grupo ao qual se filiara, procurou impulsionar ou formar um movimento intelectual. Ainda no início da adolescência esses jovens achavam que eram os tais, e, por um super diletantismo natural da idade, viviam para as letras. Organizaram muitas vezes, até em mesas de café, verdadeiras tertúlias literárias, onde o arrôjo da mocidade emprestava fulgores especiais as exaltações românticas.

A descrição de Melo (1969) faz referência a um grupo de alunos do ensino secundário que “viviam para as letras” e formavam um “movimento intelectual”. É relevante notar que essa busca por intelectualidade desde a tenra idade é uma característica daquilo que Sirinelli (2003) pontua como necessário para fazer uma arqueologia de idades ou de estudos para se localizar certas origens do despertar intelectual.

No caso de Cabral Machado observa-se a sua ligação com as “letras” no Colégio Salesiano, logo depois esses círculos de amizades que tem como centro o conhecimento em discussão tanto na instituição educacional e “até em mesas de café”, além de publicar em jornais estudantis como aluno do ensino secundário. Na primeira edição do jornal *O Estudante*, do Grêmio Literário Tobias Barreto, pertencente ao Colégio Tobias Barreto, datado de maio de 1935, localizei o seguinte poema de Cabral Machado:

Zumbi

Nêgo de Lôanda  
cadê teu engenho?  
O senhô lhe prendeu no tronco  
seis dias pelo candomblé macumba.  
do quarto escuro da senzala.

Nêgo zumbi fugiu como um troço  
de cafuso, mestiço banza, frumazê  
e foram fazê um quilombo  
de palha, pau e pedra  
lá na Serra da Barriga

Ao ronco rouquento da zabumba e do boré  
o macumbo inteiro apinhado dança  
numa alegria maluca de “liberdade”

Mais negro Zumbi: sinsudo  
fuma cachimbo da paz  
um colar alvo ossudo  
escorrega-lhe do pescoço preto

... e o branza procaz altaneiro  
olha o horizonte vasto  
sorri um sorriso de fera satisfeita  
com uma embrulhada de nagô:  
eu sou agora e sempre  
escravo mais senhô (MACHADO, 1935, p. 2).

O tema colocado nos escritos de Cabral faz referência ao conhecido quilombo de Zumbi dos Palmares no estado de Alagoas, com uma visão acerca da liberdade pela qual lutaram os personagens daquele quilombo localizado na Serra da Barriga. Vestígios de leituras, discussões nos grupos ou mesmo aulas de História da Civilização, com o professor Costa e Filho no Atheneu Sergipense, denotam debates acerca do tema. No mesmo número do jornal, constam publicações de Joel Silveira, Hermes Fontes, Lyse Campos e até do professor Arthur Fortes, talvez um dos incentivadores dos estudantes na escrita para esses jornais.



Ao dialogar com Sirinelli, o teórico francês escreve sobre a revista como “[...] um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (2003, p. 249), tais conceituações também podem ser utilizadas para pensar em um jornal. Nesse gênero textual, de publicação estudantil, Cabral Machado iniciou seus escritos para o público, existiam relações afetivas e indubitavelmente constituía-se como um “espaço de sociabilidade”, que abrigava jovens estudantes e alguns professores com alguns interesses em comum.

Nessa perspectiva, Tania Regina de Luca entende que: “De fato, jornais e revistas não são no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que pretende se difundir a partir da palavra escrita” (2005, p. 140). Assim, o jovem Cabral já se inseria em determinados “microclimas” que comungavam de formas de ver o mundo, como era o caso do jornal *O Estudante* e o grupo de escritores amigos de Cabral Machado nessa época.

Machado (2005) relata que, nesse período, interessava-se mais por literatura e que, em vez de livros didáticos, comprava romances e se dedicava às leituras juntamente com seus colegas. No tocante aos seus professores e aulas no Atheneu Sergipense, foi possível identificar algumas descrições pelos escritos de Cabral.

Oscar Nascimento representava um professor do tipo clássico, sempre metódico e objetivo. Alberto Bragança não conseguia empolgar o aluno para a compreensão do Latim, mas obteve a admiração dos discentes por conta da sua cultura clássica. Santos Melo era o mestre adorado, pela análise do quadro nota-se como Cabral Machado obteve uma das suas maiores médias com tal docente, em contraposição a média de Abdias Bezerra com a menor de todas as notas. Costa Filho pouco aparecia nas aulas de História, jamais se fixava ao programa. Magalhães Carneiro, “um gozador”. Zequinha Carvalho tinha fama de reprovador, com a sua aposentadoria, os conhecimentos da Química foram para o domínio de Tavares Bragança, “um cientista com fama de pesquisador”.

Machado (2005) também versa sobre as aulas de História Natural e descreve a saga da tentativa de colar durante uma prova e a dissertação que fez sobre o ponto “Frutos e sua classificação”. Em relação ao Latim, comenta acerca dos tropeços nas “declinações e nas fábulas de Fedro”. Entre outras descrições, duas particularmente chamam atenção: a primeira com

relação à História da Civilização, por meio da qual o professor Costa Filho fazia de suas aulas um espaço para pregar as ideias do humanismo socialista; e a segunda, de Cosmografia com Magalhães Carneiro, pela descrição, o professor pedia para fechar as portas da sala, para que o inspetor não os visualizasse e, assim, os alunos transcreviam a “Cosmografia” de Veiga Cabral. Em outro livro, intitulado “Brava gente sergipana e Outros Bravos”, Cabral Machado (1998) trata das suas aulas de Geografia ao escrever sobre o amigo Felte Bezerra:

Felte fora substituir Magalhães Carneiro meu saboroso professor de Geografia dos Astros. (Estou a lembrar sua lição prática para distinguir uma estrela de um planeta: E com voz gutural pontificada: ‘Pega-se o astro suspeito, põe-no detrás dum coqueiro. Se for estrela, de manhã tá lá, meio dia tá lá, de noite tá lá. Se planeta vai passar’. Oh saudosos tempos [...]’ (MACHADO, 1998, p. 136).

Os tempos saudosos de escola são lembrados até na perspectiva de tratar o professor como “saboroso”, atribuindo assim, gosto e vida às aulas de Geografia. Os conteúdos trabalhados no ensino daquela cadeira, bem como os exemplos para atingir a finalidade da Geografia alcançaram o objetivo proposto, pois mais de sessenta anos depois de transcorrida as aulas, Cabral rememorou elementos da cátedra, do catedrático da Geografia e daquela “lição prática”. Com relação às aulas de História, rememora:

O ponto sendo Guerras Napoleônicas, o mestre fazia a apologia da paz, blaterando contra a guerra. Corrigindo as provas – copiadas dos compêndios de João Ribeiro e Jônatas Serrano, atribuía-nos, na correção sem ler, invariavelmente, as notas 10, 9, 8. E desculpava-se ‘Não vou corrigir João Ribeiro’ (MACHADO, 2005, p. 201).

Mestres, metodologias de ensino, práticas de avaliação, conteúdos e compêndios podem ser extraídos das descrições de Cabral Machado. Aprendizados educacionais de um período histórico, em que os colégios Atheneu Sergipense, Tobias Barreto, Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, Patrocínio São José, Jacson de Figueiredo, juntamente com as “escolas femininas” como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Escola Normal Rui Barbosa, entre outras, exerciam o quase monopólio do ensino secundário na capital sergipana e formavam uma parcelada significativa da juventude de Sergipe. As aulas frequentadas por Cabral referem-se a mestres que formaram gerações de alunos em Sergipe e as práticas que podem ter contribuído nas suas concepções de docência e do próprio ato de ensinar.

Dentro dessa perspectiva, transcorreram as aulas de Cabral Machado, ao longo de 1935, quando estudou a 5ª série do curso fundamental no Atheneu Sergipense e no final do citado ano,

seguiu para Salvador com o intuito de iniciar o curso superior, mas a Reforma Francisco Campos fez com que ele frequentasse antes, o curso complementar pré-jurídico no Ginásio da Bahia.

Segundo Bispo Júnior (2004), o Ginásio da Bahia era o único estabelecimento escolar daquele Estado considerado modelo que seguia as normas do Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro. Ali estudava um contingente de alunos vindos do interior da Bahia e de outros estados, sobretudo de Sergipe, Alagoas e do norte de Minas Gerais: “[...] sendo os mesmos também filhos de fazendeiros e usineiros destes estados o que indica um perfil de modelo masculino parecido com aquele trazido pelos educandos do Recôncavo” (p. 67).

Cabral Machado, ao tratar de Emerson Serbeto, colega dos tempos do Ginásio da Bahia e da Faculdade de Direito, aponta, nas suas memórias, elementos do cotidiano daquela escola secundária:

Recordo o Emerson, no início do ano letivo de 1936, quando começávamos o curso pré-jurídico, no Ginásio da Bahia. E entre moços, o coleguismo e a amizade venciam as diferenças religiosas ou políticas. Época de afirmação, éramos, todos, crentes e idealistas, apesar de sermos católicos ou ateus, integralistas ou comunistas, amigos fomos todos, conversando, debatendo, discutindo, e amigos até hoje (MACHADO, 2005, p. 108).

Na capital baiana, Cabral Machado morou na pensão de Dona Mariá, na Praça da Piedade, lugar de concentração de sergipanos. Sobre Dona Mariá e o tempo vivido, Machado rememora:

A pensão de Mariá merece ser lembrada. Baixa, gorda envelhecida precocemente e viúva com três filhos pequenos a criar, Dona Mariá, bonachona, conseguia com habilidade e brandura, manter a estudantada em harmonia, recorrendo a influência dos mais velhos, quando os debates, discussões e barulhos agitavam-se. Questionávamos sobre política, filosofia e religião. Éramos todos ‘gênios e cultos’ (MACHADO, 1998, p. 280).

Nesse período, cabe uma ressalva para o professor Herbert Parentes Fortes que, segundo Machado: “Depois de meu pai, é o homem que maior influência marcou na minha vida; provavelmente sem ele meu roteiro seria outro” (MACHADO, 1997, p. 51). Em entrevista, mais de meio século depois das aulas no Ginásio da Bahia, Cabral assinala:

Só dois estabelecimentos de ensino tinham o curso pré-jurídico para Medicina e Engenharia, que eram o Ginásio da Bahia e o Colégio dos Maristas. Fiquei no Ginásio da Bahia, enquanto outros colegas – inclusive Seixas Dórea, Fernando Maia – foram para o colégio dos Maristas. É aí, no Ginásio da Bahia, fazendo o curso pré-jurídico, que veio o conhecimento da Sociologia. Eu não lembro se a Sociologia era ministrada no

primeiro ou no segundo ano do curso pré-jurídico. A Sociologia do ginásio da Bahia era lecionada por um mestre extraordinário Herbert Parent Fortes. Era piauiense e estudara Medicina. Depois resolvera ficar na Bahia onde fez concurso para outros estabelecimentos de ensino inclusive para a Faculdade de Medicina. Foi um grande professor. Um professor extraordinário pela sua competência, o conhecimento de filosofia e sociologia. Ele foi meu professor não somente de sociologia, mas de filosofia. Naquele tempo a nossa sociologia era incipiente. Era uma sociologia vinculada à escola francesa, a escola de Durkheim. Professor Herbert era contrário ao pensamento de Durkheim. Defendia o pensamento tomista sobre o homem religioso. O sociólogo que ele apresentava naquele tempo era Simon Deployage, autor do grande livro *Les Conflits de la Morale et de la Sociologie*. Foi assim que tive conhecimento dos grandes pensadores da sociologia francesa que eram Deployage, o próprio Durkheim, Bougé, Paul Bureau, Georges David, Armand Cuveillier e outros (MACHADO, 1998, p. 16-17).

Herbert Fortes foi seu professor de História da Filosofia e de Sociologia. Esta última foi a disciplina lecionada por Cabral em diferentes escolas de Aracaju, ao retornar de Salvador e, posteriormente, na Faculdade Católica de Filosofia, onde ensinou Sociologia da Educação por quase duas décadas. Tal fato soma-se à referência às aulas de Florentino Menezes de Sociologia as que Cabral assistia, mesmo quando não estava matriculado naquela cadeira. Elementos que apontam a importância desses itinerários na formação desse pioneiro professor do ensino superior sergipano e a existência desses professores “despertadores” de um despertar intelectual e político.

Sobre as aulas de Sociologia com Herbert Fortes, lembra como tal professor combatia tanto o pensamento positivista de Auguste Comte, quanto o Evolucionismo de Herbert Spencer e o Sociologismo de Emílio Durkheim. O docente é definido como um divulgador de uma sociologia filosófica. Herbert Fortes fixava-se na crítica de Simon Deploye e de Baul Bureaux e acentuava o pensamento dos alemães Simmel, Weber, Frayer e Windelmand. Para Cabral Machado, a sua formação católica foi influenciada por:

Ele, Herbert Parente Fortes, já citado, expressão maior da intelectualidade católica da Bahia. Sob sua influência estiveram, além de mim, Guerreiro Ramos, Afrânio Coutinho e Rubem Nogueira, todos na Bahia. A influência do pensamento católico francês sobre mim veio através de Léon Bloy, Jacques Maritain, Emmanuel Manunier, responsável pela revista *Esprit* (1998, p. 26).

O professor Herbert Fortes também é lembrado nas memórias de outro ex-aluno, o geógrafo Milton Santos, que recorda: “Meu professor foi Herbert Parente Fortes, impressionante figura, grande professor, sobretudo porque não dava muita aula, e um grande professor não pode dar muita aula, tem de dar algumas aulas que marquem os seus alunos, era o caso dele”. (SANTOS, 2007). O mesmo Herbert Parente Fortes é citado por Anísio Teixeira na troca de cartas com Archimedes Pereira Guimarães. Em uma delas, enviada dos Estados Unidos, lê-se:

“Que é feito do Herbert, que ainda não teve tempo de me mandar uma linha? Às voltas com a **Era Nova** e com a ilusão de curar os homens com palavreado?” (GUIMARÃES, 1982, [s/p] - grifos do autor). Em outra, Anísio Teixeira pede notícias de Herbert Fortes: “Dê-me notícias de minhas cartas. Tenho escrito ao Albino, ao Jaime, ao Nestor, ao Herbert <sup>(xx)</sup>, ao Joaquim <sup>(xxx)</sup> e a muitos outros” ([s/p]).

Pelos depoimentos, nota-se a relevância do Herbert Parent Fortes para a educação baiana, desde o ensino no secundário até o trabalho pioneiro no ensino superior da Bahia. O trecho escrito por Anísio Teixeira sobre a “ilusão de curar os homens com palavreado”, coaduna com as memórias de Cabral Machado acerca do poder de convencimento das aulas de Fortes e da sua oratória.

Vale ressaltar ainda a participação de Herbert Fortes na Ação Integralista Brasileira na cidade de Salvador. Sobre esse período da História do Brasil, Gomes (1998, p. 514) esclarece:

[...] o Brasil assistia à formação de dois movimentos políticos que, com propostas radicalmente opostas e alternativas às então combatidas práticas liberais, tinham como objetivo uma ampla mobilização popular. Ambos, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), capitaneado pelo ideário da esquerda comunista, e Ação Integralista Brasileira (AIB), inspirada nas experiências fascistas do momento, agitaram a década de 30, até serem banidos, respectivamente, 1935 e 1938.

Com relação à Bahia, Ferreira (2009) situa o Ginásio da Bahia como um dos centros do integralismo no Estado, ao lado de escolas como Carneiro Ribeiro, Salesiano e Gynásio Ipyranga, além das Faculdades de Medicina e Direito. Herbert Fortes foi acusado de difundir o integralismo entre os educandos, fato negado por alguns de seus alunos; contudo, Falcon (2012) relata a expulsão do professor integralista do Ginásio, diante dos torpedeamentos acontecidos no litoral brasileiro e uma manifestação antifascista que ganhou as ruas de Salvador. Acerca da atuação do professor Herbert Fortes na Ação Integralista Brasileira, tão frequentemente remorado por Cabral Machado, Ferreira (2009, p. 67) assim descreve:

O líder integralista e professor piauiense Herbert Parentes Fortes, docente da Faculdade de Filosofia e do Ginásio da Bahia, foi acusado de quinta-coluna em manifestações dos alunos dessa instituição de ensino e impiedosamente criticado nas páginas de *O Imparcial*. As pressões levaram-no a deixar aquele ginásio. [...] amargurado pela acusação de traição à pátria, Herbert Fortes partiu da Bahia para viver no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1952.

Tanto Herbert Fortes quanto Florentino Menezes, dois mestres lembrados pelos ensinamentos que marcaram a formação de Manoel Cabral Machado ao longo do ensino

secundário, terminaram suas vidas no ostracismo. O primeiro, aposentado compulsoriamente; o segundo, acusado e relegado à fuga para a capital da República. Homens do mundo da Sociologia, Filosofia e História que, em certa medida, contribuíram para lapidar as predileções e gostos do sergipano. Leituras que já vinham de casa, debates sobre religião nos quais já participava e, depois do secundário, o jovem Cabral entrou na Faculdade de Direito da Bahia – o início de outra etapa na formação profissional na cidade de Salvador.

Diante do exposto é possível perceber que os “itinerários” escolares de Manoel Cabral Machado no período de 1927 a 1937, representam também os caminhos percorridos por tantos jovens brasileiros que iniciaram seus estudos em pequenas cidades interioranas e tiveram que deixar suas casas, ainda muito cedo, para prosseguir no processo de escolarização. As práticas de leituras, vivências em internato católico e pensões estudantis, publicações em jornais ainda como discente, falas em peças teatrais na escola e escritas de poesias são práticas escolares e sociais vivenciadas por Cabral Machado em três distintas cidades de Sergipe e da Bahia que apontam para elementos vividos no cotidiano da educação brasileira da primeira metade do século XX.

Suas memórias registradas nos últimos anos de vida, por meio de livros e entrevistas, seleciona alguns “professores-paradigma” (BONTEMPI JÚNIOR, 2010), e os distingue como influenciadores dos caminhos percorridos pelo intelectual já reconhecido entre os seus pares. Pode-se entender que tais professores foram “despertadores”, como escreveu Sirinelli (2003), de um jovem intelectual no seu processo de escolarização, que perpassou diferentes espaços com distintas contribuições.

A investigação dos “vestígios dos jovens anos escolares” de um estudante brasileiro entre as décadas de 1920 e 1930 permitiu desvelar aspectos das vivências em sala de aula, seus conteúdos, métodos e disciplinas; o convívio entre jovens dentro e fora das instituições educacionais por meio de agremiações e publicações; práticas escolares de professores de diferentes escolas; tudo isso somado ao universo cultural no qual Manoel Cabral Machado esteve imerso. Tais elementos reiteram o significado que a escola possui na formação do indivíduo e na dinâmica da sociedade, da mesma forma que reafirmam a importância dos estudos dos itinerários formativos para a compreensão do intelectual, bem como da História da Educação brasileira.

## Referências

- BISPO JUNIOR, J. S. **Construindo a masculinidade na escola: o Colégio Antonio Vieira (1911-1949)**. 2004. 263 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- BONTEMPI JÚNIOR, B. Os significados da vida estudantil e da escola nos memoriais dos candidatos à docência na FEUSP (1988-2005). In: MORAES, D. Z.; LUGLI, R. S. G. **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 165-178.
- CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades do ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 149-170, jul./dez. 1999.
- CONCEIÇÃO, J. T. **Internar para Educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 323 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- FALCÓN, G. **Um caminho brasileiro para o Socialismo: a trajetória política de Mário Alves (1923-1970)**. 2012. 207 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- FERREIRA, L. M. R. **Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GOMES, Â. de C. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, F. A. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4. p. 490-558.
- GUIMARÃES, Archimedes Pereira. **Dois sertanejos baianos do século XX**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1982. (Publicação da Universidade Federal da Bahia)
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MACHADO, M. C. Zumbi. **O Estudante**, Aracaju, SE, v. 1, n. 1, p. 2, maio 1935. (Hemeroteca do IHGSE).
- MACHADO, M. C. Entrevista concedida ao professor Afonso Nascimento em 12 de outubro de 1997. **Revista Tomo**, São Cristóvão, SE, n. 1, p. 15-28, 1997.
- MACHADO, M. C. **Brava gente sergipana e outros bravos**. Aracaju: UFS, 1998.
- MACHADO, M. C. **O aprendiz de Oboé**. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2005.
- MACHADO, M. C. **Professor da FCFS**. Entrevista concedida ao autor em 30 de agosto de 2007. Aracaju, SE, 2007.
- MELO, L. P. Saudação ao Dr. M. Cabral Machado. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, n. 23, p. 33-62, 1969.
- OLIVEIRA, J. P. G. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)**. 2015. 319 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.
- SANTOS, M. Entrevista de Milton Santos concedida a Marina Amaral, Sérgio Pinto de Almeida, Leo Gilson Ribeiro, Georges Bourdoukan, Roberto Freire, João Noro, Sérgio de Souza. **Revista PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos**, Brasília, v. 1. n. 1, p. 120-140, 2007. Disponível

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Itinerário discente: vestígios “dos jovens anos escolares” de Manoel Cabral Machado (1927-1937).

em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/viewFile/151/140> >. Acesso em: 9 set. 2014.

SILVEIRA, J. **Na fogueira**: memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIUX, J. P.; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). 8. ed. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167-182.

SOUZA, R. F. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica de História da Educação Brasileira, v. 2).

João Paulo Gama Oliveira  
Universidade Federal de Sergipe | Departamento de Educação  
(DEDI)  
Itabaiana | SE | Brasil. Contato: profjoaopaulogama@gmail.com  
ORCID 0000-0001-9683-5413

Artigo recebido em: 21 mar. 2017 e  
aprovado em: 8 out. 2017.